

© Cosac Naify, 2006

© Herdeiros de Isaac Bábel, 2006

Imagem de sobrecapa: Ingresse na Cavalaria Vermelha! (1920), pôster de Boris Sylkin. Kiev, Museu Nacional de Arte da Ucrânia. Cortesia Vitaly Komlik / www.keytoart.org.ua

Foto de autor Georgy Petrusov, 1933

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Bábel, Isaac (1894-1940)

O Exército de Cavalaria: Isaac Bábel

Título original: *Konármia*

Tradução e apresentação: Aurora Feroni Bernardini,

Homero Freitas de Andrade

Postfácio: Boris Schnaiderman, Otto Maria Carpeaux

São Paulo: Cosac Naify, 2006, 256 pp.

[Coleção Prosa do Mundo; 20]

ISBN 85-7503-104-X (obra completa)

ISBN 85-7503-483-9 (v. 20)

I. Contos russos I. Bernardini, Aurora Feroni

II. Andrade, Homero Freitas de III. Schnaiderman, Boris

IV. Carpeaux, Otto Maria V. Título VI. Série

06-7949 CDD-891.73

Índices para catálogo sistemático:

I. Contos: Literatura russa 891.73

COSAC NAIFY

Rua General Jardim, 770, 2º andar

01223-010 São Paulo SP

Tel. [55 11] 3218 1444

Fax [55 11] 3257 8164

www.cosacnaify.com.br

Atendimento ao professor [55 11] 3823 6595

Apresentação por Aurora Fornoni Bernardini
e Homero Freitas de Andrade, 7

O EXÉRCITO DE CAVALARIA

A travessia do Zbrutch, 21

A igreja de Novograd, 25

Uma carta, 29

O chefe da remonta, 35

· *Pan Apolek*, 39

· O sol da Itália, 49

Guedáli, 55

Meu primeiro ganso, 59

O rabino, 65

- O caminho de Bródy, 69

Teoria da *tatchanka*, 73

A morte de Dolguchoy, 77

O *combrig* da Segunda, 83

Sachka, o Cristo, 87

Biografia de Matviéi Rodiónytch Pávlitchenko, 95

O cemitério de Kózin, 103

Prichthepa, 105

· História de um cavalo, 107

Kónkin, 113

Berestietchko, 119

O sal, 123

- A noite, 129
- Afonka Bida, 133
- Na igreja de São Valentim, 141
- O comandante de esquadrão Trúnov, 147
- Os Ivans, 157
- Continuação da história de um cavalo, 167
- A viúva, 169
- Zámostic, 175
- Traição, 181
- Tchésniki, 187
- Depois da batalha, 193
- A canção, 199
- O filho do rabino, 203
- Argamak, 207
- O beijo, 215

Apêndice

- No cerne da prosa* por Boris Schnaiderman, 225
- A grandeza de Babel* por Otto Maria Carpeaux, 233
- Nota dos tradutores, 237
- Glossário, 243
- Sugestões de leitura, 249

Pan Apolek

A maravilhosa e sábia vida de *pan Apolek* subiu-me à cabeça como um vinho envelhecido. Em Novograd-Volynsk, entre as ruínas re-torcidas daquela cidade rapidamente devastada, o destino atirou a meus pés um Evangelho que o mundo desconhecia. Rodeado pelo brilho singelo de auréolas, fiz então a promessa de seguir o exemplo de *pan Apolek*. E a esse novo voto, ofereci em sacrifício a doçura do ódio quimérico, o desprezo amargo pelos cães e porcos da humanidade, o fogo da vingança silenciosa e inebriante.

No apartamento do padre fugitivo de Novograd, havia um ícone pendurado no alto da parede. Tinha uma inscrição: “A morte do Batista”. Sem hesitar, reconheci em João as feições de um homem que eu já tinha visto em outra época.

Eu me lembro: entre as paredes claras e retas, reinava o silêncio de teia de aranha de uma manhã de verão. No pé do quadro, o sol tinha depositado um raio retilíneo. Nele enxameava uma poeira luminosa. Das profundezas azuis do nicho, a longa figura de João debruçava-se diretamente sobre mim. Uma capa negra pendia, majestosa, sobre aquele corpo implacável, repulsivo de tão magro. Gotas de sangue brilhavam nos fechos redondos da capa.

A cabeça de João fora cortada obliquamente do pescoço esfoldado. Jazia numa travessa de argila, que os grandes dedos amarelos de um guerreiro seguravam com firmeza. O rosto do morto pareceu-me conhecido. Fui tocado pelo presságio de um mistério. Na travessa de argila, repousava a cabeça morta, que parecia uma cópia da cabeça de *pani* Romuald, o ajudante do padre fugitivo. Da boca escancarada saía o corpo minúsculo de uma serpente, cujas escamas brilhavam irisadas. Num suave tom rosado, a cabecinha cheia de vida ressaltava intensamente o fundo escuro da capa.

Fiquei admirado com a arte do pintor e sua imaginação sombria. Ainda mais surpreendente pareceu-me, no dia seguinte, a Virgem de faces vermelhas que pendia sobre a cama de casal de *pani* Eliza, a governanta do velho padre. Ambas as telas traziam a marca do mesmo pincel. O rosto carnudo da Virgem era o retrato de *pani* Eliza. Foi então que estive perto de resolver o enigma das imagens de Novograd. A resolução do enigma levou-me à cozinha de *pani* Eliza, onde, nos serões perfumados, reuniam-se as sombras da velha Polônia servil, com o pintor louco à frente. Mas seria *pani* Apolek realmente um louco, ao povoar de anjos as aldeias vizinhas e ao promover a santo o coxo Janek, um judeu convertido?

Ele tinha chegado ali com o cego Gottfried, trinta anos antes, num dia qualquer de verão. Os dois amigos, Apolek e Gottfried, dirigiram-se à taverna de Shmerel, que ficava na estrada de Rovno, a duas verstas dos limites da cidade. Apolek trazia uma caixa de tintas na mão direita e com a esquerda conduzia o sanfoneiro cego. O passo cantante de suas botas alemãs, ferradas com pregos, soava tranqüilidade e esperança. Apolek trazia um cachecol amarelo-canário enrolado no pescoço delgado, e três peninhas cor de chocolate dançavam no chapéu tirolês do cego.

Na taverna, os recém-chegados depositaram as tintas e a sanfona no parapeito da janela. O artista desenrolou o cachecol, interminável como a fita de um prestidigitador de feira. Depois, saiu para o pátio, despiu-se completamente e banhou com água gelada seu corpo rosado e franzino. A mulher de Schmerel serviu vodka de passas aos hóspedes e uma tigela de *zrazy*. Saciado o apetite, Gottfried pôs a sanfona sobre seus joelhos pontudos. Em seguida, suspirou, jogou a cabeça para trás e moveu os dedos magros. Acordes de canções de Heildelberg ecoaram nas paredes da taverna judaica. Apolek acompanhava o cego com sua voz esganiçada. Parecia que tinham trazido à taverna de Schmerel o órgão da igreja de Santa Indegilda, e que as Musas tinham se sentado ao órgão, uma ao lado da outra, envoltas em coloridos xales de algodão e com botas alemãs ferradas.

Os hóspedes cantaram até o pôr-do-sol, depois guardaram a sanfona e as tintas em sacos de linho, e *pan* Apolek, com uma profunda reverência, entregou uma folha de papel a Braina, mulher do dono da taverna.

– Prezada *pani* Braina – falou –, queira aceitar de um pintor ambulante, batizado com o nome cristão de Apollinarius, este retrato da senhora, como prova de nosso humilde reconhecimento e testemunho de sua magnífica hospitalidade. Se Nosso Senhor Jesus Cristo prolongar meus dias e fortalecer minha arte, voltarei para colorir este retrato. Pérolas ficarão bem em seus cabelos, e desenharemos sobre seu peito um colar de esmeraldas...

Na pequena folha de papel estava desenhado a lápis vermelho, um vermelho suave de cerâmica, o rosto sorridente de *pani* Braina, emoldurado por cachos cor de cobre.

– Meu dinheiro! – gritou Schmerel, ao ver o retrato da mulher. Ele apanhou um pedaço de pau e saiu em perseguição aos

dois hóspedes. A caminho, Schmerel lembrou-se do corpo rosado de Apolek, gotejante de água, do sol no pequeno pátio e do som suave da sanfona. O taverneiro sentiu-se profundamente perturbado, largou o porrete e voltou para casa.

No dia seguinte, Apolek apresentou ao vigário de Novograd um diploma da Academia de Munique e dispôs doze quadros à sua frente, cada um deles sobre um tema das Sagradas Escrituras. Os quadros eram pintados a óleo, sobre finas tábuas de cipreste. O padre viu sobre sua mesa o púrpura chamejante dos mantos, o fulgor dos campos de esmeralda e as floridas colchas estendidas sobre as planícies da Palestina.

Os santos de *pan* Apolek, todo aquele amontoado de anciãos simplórios e exultantes, de barbas grisalhas e faces coradas, estavam mergulhados em torrentes de seda e grandiosos crepúsculos.

Naquele mesmo dia, Apolek recebeu o encargo de pintar a nova igreja. E depois do licor beneditino, o padre disse ao pintor:

– Santa Maria, meu caro *pan* Apollinarius! De que milagrosas plagas desceu sobre nós sua graça, que tanta alegria nos dá?

Apolek trabalhou com afinco e ao cabo de um mês o novo templo já estava tomado pelo balido dos rebanhos, o ouro empoeirado dos ocasos e as tetas cor de palha das vacas. Búfalos de pelame surrado arrastavam-se sob o jugo, cães de focinho rosado corriam na frente dos rebanhos, e, em berços pendurados nos troncos retos das palmeiras, balançavam-se criancinhas rechonchudas. Hábitos marrons de franciscanos rodeavam um berço. A multidão de pastores era sulcada de calvas reluzentes e rugas sangrentas como feridas. No meio dessa multidão cintilava, com um sorriso de raposa, o rostinho decrépito de Leão XIII, e o próprio vigário de Novograd, desfiando o rosário de entalhes chineses

com uma das mãos, e com a outra, a que estava livre, abençoando o Menino Jesus.

Durante cinco meses, preso a um assento de madeira, Apolek arrastou-se ao longo das paredes, ao redor da cúpula e pelo coro.

– O senhor tem predileção pelos rostos conhecidos, meu caro *pan* Apolek – disse-lhe um dia o padre, ao reconhecer a si mesmo num dos pastores e a *pan* Romuald na cabeça decapitada de João. O velho padre sorriu e mandou um cálice de conhaque ao artista, que trabalhava na cúpula.

Mais tarde, Apolek terminou a Santa Ceia e o apedrejamento de Maria Madalena. Um domingo, descobriu os afrescos das paredes. Os cidadãos importantes, convidados pelo vigário, reconheceram Janek, o coxo convertido, no apóstolo Paulo, e em Maria Madalena a jovem judia Elka, filha de pais desconhecidos e mãe de muitas crianças abandonadas. Os cidadãos importantes mandaram cobrir aquelas pinturas sacrílegas. O vigário lançou ameaças contra o sacrílego. Mas Apolek não cobriu as pinturas das paredes.

Assim teve início uma guerra sem precedentes entre o poderoso corpo da Igreja Católica, de um lado, e de outro o incauto pintor de imagens sagradas. Durou três décadas. E, por pouco, o acaso não converteu o dócil vagabundo em fundador de uma nova heresia. E então ele teria sido o mais talentoso e espirituoso guerreiro entre os que a tortuosa e conturbada história da Igreja Romana conheceu, um guerreiro que corria o mundo, num estado de embriaguez bem-aventurada, com dois ratinhos brancos aconchegados ao peito e uma porção de pincéis finíssimos no bolso.

– Quinze *zloty* por uma Nossa Senhora, vinte e cinco por uma Sagrada Família e cinqüenta por uma Última Ceia, com o retrato de todos os parentes do freguês. O inimigo do freguês pode

ser representado como Judas Iscariotes, mas para isso serão cobrados mais dez *zloty* – assim anunciava Apolek aos camponeses das redondezas, depois de ter sido expulso da igreja em construção.

Encomendas não lhe faltavam. E quando, um ano mais tarde, convocada pelas mensagens furiosas do vigário de Novograd, chegou uma comissão designada pelo bispo de Jitómir, ela foi encontrar até nas choupanas mais miseráveis e fétidas aqueles monstruosos retratos de família, sacrílegos, ingênuos e pitorescos. Josés de cabelos grisalhos repartidos ao meio, Cristos de cabelos besuntados, Marias aldeãs, mães de numerosa prole, com os joelhos separados – imagens que eram penduradas no canto mais importante da casa, emolduradas por guirlandas de flores de papel.

– Ele canonizou vocês em vida! – exclamou o vigário de Dubnó e de Novokonstantínov, respondendo à multidão que defendia Apolek. – Ele os rodeou com os inefáveis atributos da Santidade, a vocês todos, que caíram três vezes no pecado da desobediência, vocês, destiladores clandestinos, vocês, usurários desapiados e falsificadores de peso, vocês, mercadores da inocência das próprias filhas!

– Sua Reverência – disse então ao vigário o manco Witold, receptor de mercadorias roubadas e guarda do cemitério –, mas, aos olhos do *pan* Deus misericordioso, quem falará de verdade ao povo cego? E porventura não há mais verdade nos quadros de *pan* Apolek, que adulam a nossa vaidade, do que nas suas palavras, cheias de injúrias e de ira senhorial?

O clamor da multidão pôs o vigário para correr. O estado de espírito da diocese era uma ameaça à segurança dos servos da Igreja. O artista chamado a tomar o lugar de Apolek não se decidia a apagar Elka e o coxo Janek. Ainda podem ser vistos numa das

capelas laterais da igreja de Novograd: Janek na figura do apóstolo Paulo, acanhado e manco, com uma barba negra e emaranhada de apóstata de aldeia, e ela, a frágil e louca meretriz de Magdala, de corpo contorcido e faces cavas.

A luta com o vigário durou trinta anos. Depois disso, uma incursão de cossacos tirou o velho padre de seu perfumado ninho de pedra, enquanto Apolek, oh, caprichos da sorte!, instalou-se na cozinha de *pani* Eliza. E eu, hóspede de passagem, toda noite provo o vinho de sua conversa.

Que conversa? Sobre os românticos tempos da *szlachta*, sobre o delirante fanatismo feminino, sobre o pintor Luca della Robbia e sobre a família do carpinteiro de Belém.

– Tenho algo a dizer ao *pan* escrivão... – comunica-me misteriosamente *pan* Apolek antes do jantar.

– Pois não? – respondo eu. – Sim, Apolek, estou ouvindo... – Mas *pan* Robacki, o cinzento e severo acólito da Igreja, esquelético e orelhudo, está sentado bem perto. Ele abre diante de nós a tela esmaecida do silêncio e da hostilidade.

– Eu tenho a dizer ao senhor – sussurra Apolek, puxando-me para o lado – que Jesus, filho de Maria, era casado com Débora, moça de Jerusalém de origem desconhecida....

– Oh, esse sujeito! – grita *pan* Robacki, horrorizado. – Esse sujeito não vai morrer na cama... alguém há de matá-lo, isto sim...

– Depois do jantar – sussurra *pan* Apolek, diminuindo a voz, depois do jantar, se para o *pan* escrivão não for um incômodo...

Incômodo nenhum. Aquecido pelo começo da história de Apolek, perambulo pela cozinha, esperando a hora combinada. Pela janela, a noite ergue-se como uma coluna negra. Lá fora, no jardim vivo e sombrio nada se move. O caminho para a igreja corre sob a lua como um rio lácteo e brilhante. A terra está imersa num

brilho claro-escuro; colares de frutos reluzentes pendem dos arbustos. O cheiro dos lírios é puro e forte como álcool. Seu veneno fresco impregna o hálito gorduroso e borbulhante do fogão e sufoca o aroma resinoso de pinheiro que se espalha pela cozinha.

Com um cordão rosado nas calças surradas da mesma cor, Apolek movimentava-se em seu canto como um animal manso e gracioso. Sua mesa está suja de cola e de tintas. O velho trabalha com gestos rápidos e repetidos, e dali vem um repique suave e melódico. É o velho Gottfried, a marcar o tempo com seus dedos trêmulos. O cego está sentado imóvel sob o reflexo amarelo e oleoso da lâmpada. Com a cabeça calva abaixada, ele ouve a música interminável de sua cegueira e os murmúrios de Apolek, seu eterno amigo...

– ... E isso que os padres, o evangelista Marcos e o evangelista Mateus, dizem ao *pan*, isso não é verdade... Mas eu posso revelar a verdade ao *pan* escrivão, cujo retrato como o beato Francisco, sobre um fundo verde e celeste, eu me disponho a fazer por cinquenta marcos. *Pan* Francisco, na verdade, era um santo muito simples. E se o *pan* escrivão tiver uma namorada na Rússia... As mulheres gostam do beato Francisco, embora nem todas, *pan*...

Foi assim que teve início, naquele canto que cheirava a pinheiro, a história do casamento de Débora com Jesus. A moça, pelo que dizia Apolek, tinha um noivo. O noivo era um jovem israelita que negociava presas de elefante. Mas a noite de núpcias de Débora acabou em confusão e lágrimas. O pavor apossou-se da mulher quando viu o marido aproximar-se do leito. Um soluço dilatou sua garganta. Ela vomitou tudo o que comera no banquete de casamento. A vergonha caiu sobre Débora, sobre seu pai, sua mãe e sobre sua família inteira. Foi repudiada pelo noivo, que escarneceu dela e convocou os convidados. Então, ao ver o

tormento da mulher que desejava o marido mas tinha medo dele, Jesus vestiu-se como o esposo e, cheio de misericórdia, uniu-se a Débora, que jazia em seu próprio vômito. Então ela se juntou aos convidados, festejando ruidosamente, como uma mulher que se orgulha da própria queda. E só Jesus permanecia distante. Um suor frio de morte corria-lhe pelo corpo, e a abelha do remorso picava seu coração. Sem ser visto, ele saiu da sala do banquete e retirou-se para a terra desértica a leste da Judéia, onde João o esperava. E Débora deu à luz seu primogênito...

– E onde ele foi parar? – exclamei.

– Os padres o esconderam – respondeu gravemente Apolek, pousando o dedo trêmulo e leve em seu nariz de bêbado.

– *Pan* pintor! – gritou de repente Robacki, erguendo-se da escuridão; e suas orelhas cinzentas tremiam. – O que está dizendo? Isso é inconcebível...

– É a verdade, a pura verdade – confirmou Apolek, dando a mão a Gottfried –, a mais pura verdade, senhor...

Ele arrastou o cego até a porta, mas, ao chegar à soleira, diminuiu o passo e fez-me um sinal com o dedo:

– O beato Francisco – cochichou, dando uma piscadela – com um pássaro no braço, um pombo ou um pardal, como *pan* escrivão preferir...

E desapareceu com o seu cego e eterno companheiro.

– Oh, quanta bobagem! – exclamou então Robacki. – Esse homem não vai morrer na cama...

Pan Robacki escancarou a boca e bocejou como um gato. Eu me despedi e fui dormir na casa, junto dos meus saqueados judeus.

Uma lua desamparada vagava pela cidade. Eu vagava com ela, reacendendo dentro de mim sonhos impossíveis e canções desafinadas.

O sol da Itália

Estive ontem mais uma vez no quarto de empregados ocupado por *pani* Eliza, aquecendo-me ao fogo de uma coroa de ramos verdes de abeto. Permaneci sentado ali, perto da estufa tépida, viva, resmungona, e era noite alta quando voltei para casa. No fundo do barranco, o silencioso Zbrutch rolava suas escuras águas de vidro.

A cidade incendiada – colunas quebradas e ganchos cravados no chão, iguais aos mindinhos de velhas malvadas – parecia suspensa no ar, conveniente e inaudita como num sonho. O brilho nu da lua derramava-se sobre ela com uma força inesgotável. O musgo úmido dos escombros florescia feito o mármore de uma frisa de teatro. E, com o espírito perturbado, eu esperava a saída de um Romeu por entre as nuvens, um Romeu vestido de cetim, cantando o amor, enquanto, nos bastidores, um eletricista deprimido mantém o dedo no interruptor da lua.

Caminhos azuis fluíam à minha frente, qual rios de leite jorrando de muitos peitos. Na volta para casa, temia encontrar meu vizinho Sidorov, que toda noite pousava em mim a pata peluda de sua tristeza. Felizmente, naquela noite devastada pelo leite da lua, Sidorov não disse palavra. Cercado de livros, ele escrevia. Em cima da mesa fumegava uma vela corcunda, a pira

fúnebre dos sonhadores. Sentado à parte, eu tirava uma pestana, os sonhos pulavam ao meu redor feito gatos. E só bem tarde da noite fui acordado por um ordenança, que viera convocar Sidorov ao Estado-Maior. Os dois saíram juntos. Então corri até a mesa em que Sidorov ficara escrevendo e dei uma folheada nos livros. Havia ali um manual de língua italiana para autodidatas, uma reprodução do Fórum Romano e um mapa de Roma. O mapa da cidade estava todo marcado de cruzes e pontos. Debrucei-me sobre uma folha escrita e, com o coração aos pulos, torcendo os dedos, li uma carta alheia. Sidorov, o assassino macabúzio, rasgou em pedaços o algodão rosa de minha imaginação e arrastou-me pelos corredores de sua loucura ajuizada. A carta começava pela segunda folha, e eu não tive coragem de procurar o começo:

... o pulmão perfurado e desatinando um pouco, ou, como diz Serguei, perdendo a cabeça. Mas quem não perde a cabeça de um jeito, acaba perdendo de outro. Pensando bem, é melhor deixar as brincadeiras de lado... Voltemos à ordem do dia, minha amiga Víktória...

Participei da campanha de Makhnó durante três meses, uma farsa extenuante e mais nada... Só Volin ainda continua lá. Volin emerge os paramentos sacerdotais e almeja tornar-se o Lênin da anarquia. É terrível. O batko dá-lhe ouvidos, afagando os arames empoeirados de suas melenas e soltando entre os dentes cariados sua risadinha de miíjique. E eu agora já não sei se não há nisso tudo a erva daninha da anarquia, e se não passaremos a perna em vocês, prósperos membros improvisados de um cc de fabricação caseira, made in Khárkov, a capital improvisada. Bons sujeitos como vocês não gostam de lembrar agora os pecados anarquistas da juventude, e riem-se deles do alto da sabedoria dos dirigentes. O diabo que os carregue...

Depois fui parar em Moscou. Como acabei indo parar em Moscou? Os rapazes tinham esculhambado um fulano num caso de requisição ou coisa assim. Eu, besta, me intrometi. Levei uma surra que foi merecida. O machucado era o de menos, mas em Moscou, ai, Viktória, em Moscou eu enudeci de desgosto. Todos os dias as enfermeiras do hospital me serviam um grãozinho de kacha. Cheias de cerimônia, elas traziam a comida numa enorme bandeja, e eu passei a detestar aquela kacha de brigada de choque, o abastecimento fora do plano e a Moscou planejada. Depois, no soviete, encontrei um punhado de anarquistas. Eram todos janotas ou velhotes meio destrambelhados. Meti-me no Kremlin com um autêntico plano de trabalho. Passaram a mão na minha cabeça e me prometeram o cargo de assessor, caso eu me emendasse. Não me emendei. O que veio depois? Depois veio o front. O Exército de Cavalaria, a tropa, cheirando a sangue fresco e a restos humanos.

Salve-me, Viktória! A sabedoria dos dirigentes me deixa louco e bêbado de tédio. Se você não me ajudar, acabo batendo as botas sem plano nenhum. Se existe alguém que queira um combatente morto de forma tão desorganizada, certamente não é você, Viktória, a noiva que nunca chegará a ser esposa. E lá vem o sentimentalismo de novo, pois ele que se ferre...

Agora vamos falar do que importa. A vida militar me aborrece. O ferimento me impede de montar, o que significa que não estou mais em condições de combater. Use sua influência, Viktória, para que me mandem para a Itália. Estou aprendendo italiano e em dois meses já estarei sabendo falar. Na Itália há fogo sob as cinzas. Lá muitas coisas estão maduras. Só faltam dois tiros. Um deles será disparado por mim. É preciso mandar o rei para o outro mundo. Isso é muito importante. O rei deles é um bom sujeito que, em nome da popularidade, faz-se fotografar na companhia de socialistas domesticados, para sair nas revistas de família.

No cc, no Narkomindel, não vá mencionar nem rei, nem tiros. Eles passariam a mão na sua cabeça e balbuciarão: "É um romântico!".

Diga apenas: ele está doente, com raiva, bêbado de tédio, e só quer o sol da Itália e bananas. Pois fez ou não fez por merecer? Só para se tratar e basta.¹ Do contrário, que o mandem para a Tcheká de Odessa... Lá eles são muito sensatos e...

Quanta besteira, e que modo besta e injusto de lhe escrever, minha amiga Viktória...

A Itália entrou no meu coração como uma alucinação. Para mim, a idéia daquela terra que nunca vi é doce como um nome de mulher, como o seu nome, Viktória...

Li a carta e tratei de me acomodar no meu leito sujo e desmantelado, mas o sono não vinha. Do outro lado da parede, uma judia grávida chorava desconsolada, e o marido esgrouvinhado respondia-lhe com um murmúrio cheio de gemidos. Estavam lembrando as coisas que lhes tinham sido roubadas, e recriminavam-se um ao outro pelo descuido. Mais tarde, antes do amanhecer, Sidorov voltou. Em cima da mesa a vela gasta bruxuleava. Sidorov tirou de sua bota outro toco e, profundamente absorto, sufocou com ele o pavio fundido. Nosso quarto era escuro e lúgubre, pairava ali o fedor de umidade noturna, e apenas a janela transbordante de luar brilhava como uma libertação.

O meu vizinho aflito aproximou-se e guardou a carta. Sentado, debruçou-se sobre a mesa e folheou o álbum ilustrado com vistas de Roma. O suntuoso volume com lombada de ouro estava aberto diante de seu rosto oliváceo e inexpressivo. Acima de suas costas encurvadas resplandeciam as ruínas do Capitólio e a

1 Em italiano transliterado para o russo, no original. [N. T.]

arena do Coliseu, iluminada por um sol ocidental. Havia também uma fotografia da família real, no meio das grossas folhas acetinadas. Num pedaço de papel, arrancado de um calendário, aparecia o afável e minúsculo rei Victor Emanuel com a consorte de cabelos negros, o príncipe herdeiro Humberto e uma ninhada inteira de princesas.

... E a noite estava ali, cheia de sons remotos e lúgubres, um quadrado de luz recortado na escuridão úmida – e nela o rosto cadavérico de Sidorov, máscara sem vida suspensa sobre a chama amarela da vela.

O caminho de Bródy

Sinto pena das abelhas. Elas foram exterminadas pelos exércitos em guerra. Na Volýnia não existem mais abelhas.

Nós profanamos as colméias. Nós as envenenamos com enxofre e as destruimos com pólvora. Os trapos chamuscados exalavam mau cheiro nas sacrossantas repúblicas das abelhas. Ao morrer, elas voavam lentamente, e seu zumbido era quase imperceptível. Por falta de pão, extraíamos o mel com nossos sabres. Na Volýnia não há mais abelhas.

A crônica de tantos crimes rotineiros me oprime incessantemente, como um vício cardíaco. Ontem foi o dia da primeira batalha nos arredores de Bródy. Íamos sem suspeitar de nada, eu e Afonka Bida, meu amigo, perdidos em terras azuis. Os cavalos tinham recebido sua ração ao amanhecer. O centeio estava alto, o sol, magnífico, e a alma, que não merecia esses céus esplendurosos e alados, sedenta por lentas torturas.

– Em nossos povoados de cossacos as comadres contam muitas coisas sobre abelhas e sua cordialidade – começou o chefe, amigo meu –, e cada uma conta uma história diferente. Se os homens ofenderam Cristo, ou se isso não aconteceu, os que virão depois de nós o saberão no correr do tempo. Mas, pelo que as comadres contam nos nossos povoados, Cristo estava muito an-

gustiado na cruz, e em volta dele, a atormentá-lo, voavam vários tipos de mosquitos, e ele os olhou nos olhos e sentiu desânimo. Porém, o infinito enxame de mosquitos não vê os seus olhos. Mas há também uma abelha voando em torno de Cristo. “Pique-o!”, grita o mosquito à abelha. “Pique-o! Pique-o por nós...!” “Não posso”, diz a abelha, levantando suas asas sobre o Cristo. “Não posso! Ele pertence à classe dos carpinteiros...” É preciso entender as abelhas – conclui Afônka, o chefe do meu pelotão –, mas agora são elas que têm que ter paciência. Por acaso não estamos lutando por elas também?...

E, agitando as mãos, Afônka desatou a cantar. Era a canção do cavaleiro baio. Oito cossacos, o pelotão de Afônka, puseram-se a acompanhar a canção.

– O cavaleiro baio chamado Djiguit pertencia a um primeiro-tenente cossaco que havia ficado embriagado de vodka no dia em que teve a cabeça cortada – assim cantava Afônka, esticando a voz feito uma corda e quase pegando no sono. – Djiguit era um cavalo fiel, mas em dia de festa o tenente não conhecia limites para as suas vontades. Foram cinco garrafas no dia em que lhe cortaram a cabeça. Na quarta garrafa o tenente montou no cavalo e galopou rumo ao céu. A subida foi longa, mas Djiguit era um cavalo fiel. Eles chegaram ao céu e o tenente lembrou-se da quinta garrafa, mas a última garrafa havia ficado na Terra. Então, o tenente começou a chorar pela inutilidade de seus esforços. Chorava, e Djiguit esticava as orelhas, olhando para o dono...

Assim cantava Afônka, bocejando e cochilando. A canção flutuava feito fumaça e nós marchávamos para o crepúsculo. Seus rios ferventes transbordavam sobre as colchas bordadas das terras dos camponeses. O silêncio tingia-se de rosa. A terra jazia como o dorso de um gato coberto do pêlo brilhante dos trigais. No de-

clive incrustava-se a pequena aldeia de barro, Klekotov. A visão de Bródy nos esperava além do vau, cadavérica e ameaçada. Mas em Klekotov um tiro passou silvando por nosso rosto. De trás de uma cabana, assomaram dois soldados poloneses: seus cavalos estavam amarrados no poste. De repente, a bateria ligeira do inimigo subiu correndo pelo barranco. As balas se estendiam como fios na estrada.

– Avante! – gritou Afonka.

E galopamos.

Ó, Bródy! As múmias de tuas paixões destruídas bafejavam-me seu incurável veneno. Eu já sentia o frio mortal das órbitas, banhadas de lágrimas geladas. E eis que um galope trôpego me transporta para longe das pedras rachadas de tuas sinagogas...

História de um cavalo

Um dia Savítski, nosso *comdiv*, pegou o corcel branco de Khlébnikov, comandante do primeiro esquadrão. Tratava-se de um cavalo de aspecto corpulento, mas de formas suaves, que então me pareciam sinal de um corpo pesado. Em troca Khlébnikov recebeu uma egüinha preta, boa de raça e de trote. Porém ele tratava mal a egüinha preta, sentia-se ávido por vingança e esperava a sua hora. Até que por fim ela chegou.

Depois dos insucessos militares de julho, quando Savítski foi rebaixado e a retaguarda do comando passada para a reserva, Khlébnikov escreveu ao comando do exército um requerimento para a restituição de seu cavalo. O chefe do Estado-Maior acrescentou embaixo do pedido a seguinte resolução: “Devolver ao primeiro dono o cavalo em questão”, e Khlébnikov, feliz da vida, percorreu cem verstas para se encontrar com Savítski, que vivia então em Radziwillov, uma pequena cidade maltratada que parecia uma manta em farrapos. O *comdiv* destituído vivia lá sozinho e os bajuladores do Estado-Maior não o conheciam mais. Os bajuladores do Estado-Maior pescavam frangos assados nos sorrisos do comandante do exército e, como se fossem os servos da gleba, mantinham-se longe do glorioso *comdiv*.

Impregnado de perfumes e parecendo Pedro, o Grande, ele tinha caído em desgraça. Vivia com a cossaca Pavla, que fora roubada de um intendente judeu, e com vinte cavalos puro-sangue, considerados por nós todos como propriedade dele. No pátio, o sol brilhava com toda a sua força e castigava com o fulgor ofuscante de seus raios, os potrinhos mamavam fúriosamente nas éguas, e os tratadores, com as costas molhadas, joeiravam a aveia em tarras descoloridas. Khlébnikov, tocado pela justiça e impelido pela vingança, rumou, sem hesitar, para o pátio cercado de barricadas.

– O senhor conhece a minha pessoa? – perguntou a Savítski, que estava deitado no feno.

– Eu vi você em algum lugar – respondeu Savítski e bocejou.

– Então queira acolher esta decisão do Estado-Maior – disse Khlébnikov, com firmeza. – Peço-lhe, companheiro da reserva, que me encare com olhar oficial...

– Pode ser – murmurou Savítski, em tom conciliador. Pegou o papel e começou a lê-lo com lentidão exasperante. Depois, repentinamente, chamou a cossaca que estava penteando os cabelos no frio, à sombra de um toldo.

– Pavla! – chamou ele. – A manhã inteira com este pente na mão, que Deus seja louvado... Que tal preparar um samovar?

A cossaca guardou o pente, juntou os cabelos com as mãos e atirou-os nas costas.

– Hoje, Konstantin Vassílievitch – disse ela, com um sorriso preguiçoso e autoritário – nos espezinhamos o dia inteiro. Ora precisa disso, ora daquilo...

E, com suas botas de cano alto, ela dirigiu-se ao *comdiv*, os seios tremulantes como um animal preso num saco.

– Nós nos espezinhamos o dia inteiro – repetiu a mulher, radiante, e abotoou a camisa do *comdiv* no peito.

– Ora preciso disso, ora daquilo – pôs-se a rir o *comdiu*, levantando-se; abraçou as costas oferecidas de Pavla e virou seu rosto mortalmente pálido para Khlébnikov.

– Eu ainda estou vivo, Khlébnikov – disse, apertando contra si a cossaca. – Minhas pernas ainda andam, meus cavalos ainda trotam, minhas mãos ainda te alcançam, e minha arma está quente, aqui, colada no meu corpo...

Tirou o revólver que guardava junto ao ventre e adiantou-se para o comandante do primeiro esquadrão.

Ele girou sobre os tacões, com um gemido das esporas, e saiu como um mensageiro que tivesse recebido uma mensagem: percorreu de novo cem verstas para encontrar o chefe do Estado-Maior, que, todavia, mandou que saísse.

– Sua petição, comandante, já foi atendida – disse o chefe do Estado-Maior. – Já devolvi seu cavalo e tenho muito em que pensar além de seus problemas...

Não quis ouvir Khlébnikov e acabou por reintegrar ao primeiro esquadrão o comandante fugitivo. Khlébnikov se ausentara uma semana inteira. Nesse meio-tempo, conduziram-nos até o acampamento nas matas de Dubnó. Lá, armamos as barracas e vivíamos bem. Khlébnikov voltou, lembro-me, num domingo de manhã, no dia 12. Pediu-me papel, mais de uma mão, e tinta. Os cossacos aplainaram um tronco, ele pôs o revólver e o papel no cepo e escreveu até o anoitecer, enchendo de garranchos uma boa quantidade de folhas.

– É o próprio Karl Marx – disse-lhe, à noitinha, o comissário do esquadrão. – Que diabos você está escrevendo?

– Pensamentos, idéias, de acordo com meu juramento – respondeu Khlébnikov, e apresentou ao comissário sua carta de demissão do Partido Comunista dos bolcheviques.

“O Partido Comunista”, dizia a declaração, “foi fundado, suponho, para dar alegria e justiça sólida e ilimitada, e deve saber olhar também pelos pequenos. Agora eu me refiro ao corcel branco, de aspecto doente, que tirei de camponeses contra-revolucionários, e muitos companheiros não paravam de zombar do aspecto dele. Mas eu tive a força de suportar o riso cortante e, apertando os dentes pela causa comum, levei o corcel até a mudança desejada, porque sou, camaradas, um grande apaixonado por cavalos brancos, e dediquei a eles todas as poucas forças que me sobraram depois das guerras, a imperialista e a civil, e esses corcéis sentem a minha mão assim como posso sentir suas mudas necessidades e o que é preciso para eles, mas a égua preta não se adapta e não me satisfaz, não posso senti-la nem suportá-la, o que todos os camaradas podem confirmar, e assim é provável que mais cedo ou mais tarde as coisas corram mal. E eis que o Partido não pode me devolver, de acordo com a resolução, aquilo que pertence a meu sangue, de modo que eu só tenho uma saída: escrever esta declaração entre lágrimas, que não ficam bem num soldado, mas que jorram sem interrupção e cortam o coração, cortam o coração até sangrar...

Isso e muitas outras coisas mais estavam escritas na declaração de Khlébnikov. Ele tinha escrito o dia inteiro, era extremamente longa. Eu e o comissário do esquadrão quebramos a cabeça para lê-la durante mais de uma hora, e finalmente conseguimos decifrá-la até o fim.

– Veja só que idiota – disse o comissário, rasgando a carta em pedaços. – Venha, venha me ver depois do jantar. Vamos ter uma conversa.

– Não preciso conversar com você – respondeu Khlébnikov, tremendo. – Você acabou de me perder, comissário. -

Ele estava em posição de sentido, com as mãos esticadas sobre a costura das calças. Tremia sem sair do lugar e olhava para os

lados como se estivesse decidindo para onde correr. O comissário do esquadrão aproximou-se, mas nem chegou a pôr os olhos nele. Khlébnikov escapou e correu com todas as suas forças.

– Você acabou de me perder! – gritou Khlébnikov, desvairado, e, arrastando-se pelo tronco, começou a rasgar a jaqueta e a arranhar o peito.

– Mate-me, Savítski – gritou ele, caindo ao chão. – Mate-me de uma vez!

Nós o arrastamos até a barraca com a ajuda dos cossacos. Preparamos chá e enrolamos cigarros para ele. Ele fumava e tremia. Apenas ao anoitecer nosso comandante pareceu se acalmar. Não disse mais uma palavra quanto à sua tresloucada declaração, mas dali a uma semana foi para Rovno, marcou uma consulta com a comissão médica e foi reformado como inválido, pelos seis ferimentos que tinha.

Foi assim que acabamos perdendo Khlébnikov. Senti muito por isso, porque Khlébnikov era um homem tranqüilo, que tinha um gênio parecido com o meu. Era o único, em todo o esquadrão, a possuir um samovar. Nos dias de calma, nós dois tomávamos juntos o chá fervente. Éramos sacudidos pelas mesmas paixões. Ambos víamos o mundo como um prado em maio, um prado percorrido por mulheres e cavalos.

Continuação da história de um cavalo

Faz quatro meses Savítski, nosso ex-*comdiv*, apoderou-se do corcel branco de Khlébnikov, comandante do Primeiro Esquadrão. Khlébnikov deixou o exército naquela época, mas hoje Savítski recebeu uma carta dele.

De Khlébnikov a Savítski

Já não posso guardar nenhum rancor do exército de Budiónni; compreendo meus sofrimentos nesse exército e os conservo no coração, que é mais puro que um santuário. E a você, camarada Savítski, como a um herói universal, a massa trabalhadora de Vitebsk, onde me encontro como presidente do Comitê Revolucionário do Distrito, envia-lhe o brado proletário: 'Avante com a Revolução Mundial!', e deseja que aquele corcel branco passe longos anos sob seu traseiro, a galopar por caminhos suaves, em prol da liberdade por todos almejada e das repúblicas irmãs, nas quais devemos ficar de olho tanto no que se refere às autoridades nas aldeias, quanto no que se refere, do ponto de vista administrativo, às unidades de vólost...

De Savítski a Khlébnikov

Leal camarada Khlébnikov! A carta que me escreveu é muito louvável para a causa comum, ainda mais depois de sua estupidez em ter fechado os olhos a tudo, menos a seus interesses pessoais, e em ter abandonado o nosso Partido Comunista Bolchevique. Nosso Partido Comunista, camarada Khlébnikov, é uma férrea fileira de combatentes que dão o sangue na primeira fila, e quando escorre sangue do ferro, aí então, camarada, não é brincadeira não, é vencer ou morrer. Ocorre o mesmo com a causa comum, cuja alvorada não chegarei a ver, pois os combates são ferrenhos e devo substituir os quadros de comando a cada quinze dias. Faz um mês que venho lutando na retaguarda, defendendo o invencível Primeiro Exército de Cavalaria, e encontro-me sob o fogo cruzado dos fuzis, da artilharia e da aviação inimiga. Tardy foi morto, morto Lukhmámmikov; Lykotchenko morto, Gulevói morto, morto Trínov, e já não tenho o corcel branco sob meu traseiro, de modo que, de acordo com os caprichos da sorte militar, não espere ver o seu querido comdiv Savítski, camarada Khlébnikov; mas nos veremos, para ser franco, no reino dos céus, embora digam por aí que o velho lá no céu não tem reino nenhum, e sim um verdadeiro bordel, mas como na Terra não faltam blenorragicos, é bem possível que não voltemos a nos ver. E com isso, camarada Khlébnikov, eu me despeço.

Traição

“Camarada investigador Burdienko. Respondendo à sua pergunta, informo que meu número de filiação é vinte e quatro, zero zero, concedido a Nikita Balmachov pelo Comitê do Partido de Krasnodar. Minha vida até 1914 pode ser definida como doméstica, pois me dediquei ao cultivo do trigo com meus pais, e do cultivo do trigo passei às fileiras dos imperialistas, para defender o cidadão Poincaré e o carrasco da revolução alemã Ebert-Noske,¹ os quais, ao que tudo leva a crer, estavam dormindo e sonharam com um modo de socorrer a minha aldeia natal, Santo Ivan, distrito do Kuban. E assim caminhavam as coisas até que o camarada Lênin mais o camarada Trótski desviaram minha encarniçada baioneta, indicando-lhe a tripa predestinada e o epíploo mais conveniente. Desde então, trago o número 24 00 na ponta da minha vigilante baioneta, e a mim muito me envergonha, tanto quanto me faz rir, camarada investigador Burdienko, vir você agora com essa empulhação mirabolante sobre o desconhecido hospital de N. Não atirei contra o referido hospital e não o ata-

1 Balmachov confunde numa só pessoa o presidente da Alemanha E. Ebert (1871-1925), que governou de 1919 a 1925, e seu ministro da Guerra, G. Noske (1868-1946). [N. T.]

quei, nem teria sido possível uma coisa dessas. Os três estávamos feridos, isto é, o soldado Golovítsyn, o soldado Kústov e eu; estávamos ardendo em febre e não atacamos, só fazíamos chorar ali na praça, metidos em camisolões de hospital, em meio à população civil de nacionalidade judaica. E quanto às três vidraças que danificamos com o revólver de um oficial, digo-lhe do fundo do coração que elas não cumpriam sua função, pois se encontravam num depósito, onde não tinham qualquer serventia. E o doutor Jawein, assistindo ao nosso desolado tiroteio, não se fartava de caçoar, dando muitas risadas, lá da janelinha do hospital dele, fato este que também pode ser confirmado pelos supracitados judeus civis do povoado de Kózin. Sobre o doutor Jawein, camarada investigador, eu lhe fornecerei ainda o seguinte material: ele caçoou quando os três feridos, isto é, o soldado Golovítsyn, o soldado Kústov e eu, aparecemos pela primeira vez para sermos tratados. E desde as primeiras palavras nos declarou, com toda a sua grosseria: 'Vocês, soldados, tratem de ir tomar banho, livrem-se imediatamente de suas armas e roupas, pois receio que possam contagiar; elas irão sem falta para o meu depósito...'. Daí, ao ver diante de si uma fera e não um ser humano, o soldado Kústov adiantou-se com sua perna esfacelada, perguntou que raio de contágio podia haver num sabre afiado do Kuban, a não ser para os inimigos da nossa revolução, e demonstrou seu interesse em saber do tal depósito, se as coisas lá eram realmente vigiadas por algum soldado do partido, ou, ao contrário, por alguém da massa dos sem-partido. Foi então, evidentemente, que o doutor Jawein percebeu que podíamos compreender muito bem o que significava traição. Ele nos deu as costas e, sem outras palavras, mas com muitas risadinhas, mandou-nos à enfermaria, para onde fomos coxeando, agitando os braços estropiados e apoiando-nos

uns nos outros, pois somos conterrâneos, de Santo Ivan os três, isto é, o camarada Golovítsyn, o camarada Kústov e eu, e somos conterrâneos com o mesmo destino; quem arrebentou a perna se agarra no braço do camarada, quem perdeu o braço se apóia no ombro do camarada. De acordo com a ordem recebida, chegamos à enfermaria, onde esperávamos ver o setor cultural em ação e dedicação à causa; mas interessa saber o que foi que vimos ao entrar na enfermaria? Vimos soldados do Exército Vermelho, todos da infantaria, sentados em camas bem arrumadas, jogando damas e, perto deles, enfermeiras de estatura elevada, roliças, esbanjando simpatia à janela. Ao vermos aquilo, estacamos como que fulminados por um raio.

– Já estão fora de combate, rapazes? – exclamei para os feridos.

– Estamos – responderam os feridos, movendo as peças, feitas de miolo de pão.

– É cedo – falei a um dos feridos. – É cedo para você, um soldado da Infantaria, estar fora de combate quando, a quinze verstas do povoado, pisando leve, o inimigo avança, e quando se pode ler no jornal *O Cavalarião Vermelho* que a nossa situação internacional é um terror, que o horizonte está carregado de nuvens. – Mas as minhas palavras tombaram sobre a heróica Infantaria como fezes de ovelha sobre o tambor do regimento, e, em vez de termos uma discussão geral, o resultado foi que as irmãs de caridade nos levaram até as tarimbas e vieram de novo com a ladainha de entregar as armas, como se já tivéssemos sido vencidos. Impossível dizer o quanto isso irritou Kústov, e o soldado começou a cutucar o ferimento que tinha no ombro esquerdo, bem acima do seu coração sangrento de soldado e proletário. Ao ver esse gesto de desespero, as enfermeiras se calaram, mas não

por muito tempo, e logo retomaram suas zombarias típicas da massa sem-partido, e puseram-se a mandar voluntários até nós, que já estávamos sonolentos, para tirarem nossos uniformes, ou para nos obrigarem, como ação do setor cultural, a representar papéis teatrais, vestidos de mulher, o que é indecoroso.

Irmãs de descaridade, isso sim! Por causa dos uniformes, mais de uma vez vieram elas com seus pozinhos para dormir, de modo que passamos a descansar por turnos, sempre com um olho aberto, e à latrina, até mesmo para uma pequena necessidade. só íamos de uniforme completo, incluindo os revólveres. Depois de ter sofrido desse jeito por uma semana e um dia, começamos a delirar, tivemos alucinações e, finalmente, ao despertarmos na aquela malfadada manhã de 4 de agosto, constatamos a mudança: lá estávamos nós, deitados, de camisolão numerado, como os forçados, sem as armas e sem as roupas brancas, tecidas por nossas mães, frágeis velhinhas do Kuban... O sol, nós vemos, brilha majestoso, e a infantaria das trincheiras, no meio da qual os três cavalarianos vermelhos penavam, zomba de nós juntamente com as irmãs de descaridade que, tendo nos dado na véspera o pozinho para dormir, agora sacodem os peitos jovens e servem pratadas de chocolate nadando no leite! Para a diversão desse circo de cavaleiros, os da infantaria batem suas muletas com um estrondo de dar medo e beliscam nossos flancos como se fôssemos mulheres da vida, como a dizer que o Primeiro Exército de Cavalaria de Budiónni também já estava fora de combate. Mas não, camaradas dos cabelos encaracolados, que de tanto encher o bandulho de noite disparam que nem metralhadoras, não está fora de combate e depois de pedirmos licença, como que para satisfazer uma necessidade, saímos os três para o pátio e dali, febris e com as fendas arroxeadas, nos dirigimos ao cidadão Beudermann, presiden

te do Comitê Revolucionário, sem o qual, camarada investigador Burdienko, toda aquela confusão do tiroteio provavelmente não teria existido, quer dizer, sem esse presidente do Comitê Revolucionário que nos fez perder as estribeiras. E embora a gente não possa produzir um material consistente contra o cidadão Beudermann, o caso é que, ao procurar o presidente do Comitê Revolucionário, chamou nossa atenção dar com um cidadão entrado em anos, de nacionalidade judaica, metido numa peliça, que estava sentado a uma mesa, mesa essa atulhada de papéis, o que não era nada bonito de se ver... O cidadão Beudermann olha ora para um lado, ora para outro, e dá para ver que ele não consegue entender nada daquela papelada, que fica inconsolável diante da papelada toda, ainda mais com combatentes desconhecidos mas dignos aproximando-se ameaçadoramente do cidadão Beudermann, em busca de razões, ao mesmo tempo que trabalhadores locais denunciam os contra dos vilarejos vizinhos, em que operários comuns do centro aparecem querendo se casar no Comitê Revolucionário o mais depressa possível e sem demoras burocráticas... De modo que nós também expusemos em voz alta o caso de traição no hospital, mas o cidadão Beudermann só fez arregalar os olhos para a gente, tornando a olhar ora para um lado, ora para outro, e nos deu tapinhas nas costas, o que não é nem sinal de autoridade nem muito menos digno de uma autoridade, e não nos deu nenhuma resolução, limitando-se a declarar: camaradas soldados, se têm algum respeito pelo poder soviético, retirem-se deste estabelecimento, com o que não pudemos concordar, ou seja, em nos retirarmos do estabelecimento, porém exigimos um certificado de identidade para cada um e, ao não receber coisa nenhuma, perdemos a cabeça. Perdendo a cabeça, fomos até a praça diante do hospital, onde desarmamos a milícia

composta de um único homem a cavalo e, banhados em lágrimas, destruimos as três insignificantes vidraças no supracitado depósito. O doutor Jawein, diante desse fato inadmissível, fazia caretas e gracinhas, e isso tudo quatro dias antes de o camarada Kústov morrer por causa de sua doença!

Em sua curta vida de soldado Vermelho, o camarada Kústov não cansou de se preocupar com a traição, que pisca para a gente de alguma janelinha e que caçoa do proletariado ignorante, mas o proletariado, camarada, ele próprio sabe que é ignorante, e isso nos magoa, a alma se incendeia e com o fogo rompe a prisão do corpo...

É como lhe digo, camarada investigador Burdienko, a traição zomba de nós por uma janelinha qualquer, a traição anda descalça pela nossa casa, a traição tira os sapatos para que não estalem as tábuas do assoalho da casa assaltada..."

O beijo

No começo de agosto o Estado-Maior enviou-nos a Budiátitchi para reformar nosso contingente. Ocupado pelos poloneses no início da guerra, o lugar logo foi retomado por nós. A brigada entrou no povoado de manhãzinha, eu cheguei em pleno dia. Os melhores alojamentos já haviam sido tomados, de modo que tive que me ajeitar na casa do mestre-escola. Num cômodo de teto baixo, em meio a caixotes com limoeiros carregados de frutos, estava sentado um velho paralítico. Ele tinha na cabeça um chapéu tirolês com uma peninha, e sua barba cinzenta chegava ao peito, salpicado de cinzas. Batendo as pálpebras, ele murmurava uma oração qualquer. Banhei-me, fui para o quartel e só voltei com a noite alta. Michka Surovtsev, o ordenança, astuto cossaco de Orenburgo, deu-me um quadro da situação: além do velho paralítico ainda moravam lá a filha, Tomílina Elisavieta Alekséievna, e Micha, o filho dela, de cinco anos, xará de Surovtsev; a filha tinha enviuvado de um oficial morto na guerra contra os alemães e sua conduta era irrepreensível, mas a um sujeito decente, segundo a opinião de Surovtsev, ela podia fazer concessões.

– Dá-se um jeito – disse ele e foi à cozinha, de onde veio um ruído de louça. A filha do mestre-escola o ajudava. Enquanto cozinhava, Surovtsev ia contando a ela de minha coragem, de

como eu matara dois oficiais poloneses num combate e de quanto o poder soviético me considerava. A voz de Tomílina respondia-lhe, baixa e reservada.

– Onde você descansa? – perguntou-lhe Surovtsev ao se despedir. – Venha se deitar mais perto de nós, somos homens vivos.

Ele trouxe a omelete para o cômodo numa enorme caçarola e colocou-a no centro da mesa.

– Está de acordo – disse-me ele, sentando-se –, só não falou...

Nesse mesmo instante ouvimos um murmúrio abafado, um farfalhar e um correr pesado, cauteloso. Nem sequer tínhamos conseguido comer nosso prato de guerra quando vimos arrastar-se pela casa velhos de muletas e uma porção de velhas com xales amarrados na cabeça. A cama do pequeno Micha fora transferida para a sala de almoço, no meio dos limões, ao lado da poltrona do avô. Os hóspedes inválidos, mas prontos a defender a honra de Elisavieta Aleksiéievna, amontoavam-se um ao lado outro, como as ovelhas durante um temporal, e depois de armarem uma barricada na porta, passaram a noite inteira jogando baralho em silêncio, mal sussurrando os lances e tremendo a cada ruído. Do outro lado da porta, constrangido e confuso, eu não conseguia pregar o olho e não via a hora de o amanhecer chegar.

– Para seu conhecimento – disse eu a Tomílina quando cruzei com ela no corredor –, para seu conhecimento, devo lhe informar que sou formado em Direito e que pertenço ao chamado “grupo dos intelectuais”...

Ela ficou petrificada, os braços caídos, dentro de sua roupa fora de moda, como que fundida ao corpo delgado. Seus olhos azuis, arregalados, brilhantes de lágrimas, fitavam os meus sem pestanejar.

Dali a dois dias ficamos amigos. O medo e o desconhecimento em que vivia a família do mestre-escola, família de gente digna e desprotegida, eram ilimitados. Foram convencidos por funcionários poloneses de que a Rússia tinha se desfeito em fumaça e barbárie, tal como Roma acabara, outrora. Quando eu falei de Lênin para eles, de Moscou, onde se arma o futuro, do Teatro de Arte, uma temerosa felicidade infantil tomou conta deles. Às tardes vinham visitar-nos generais bolcheviques de vinte e dois anos, com suas barbas ruivas e malcuidadas. Fumávamos cigarros russos, comíamos o jantar preparado por Elisavieta Aleksiéievna com mantimentos do exército e cantávamos canções de estudantes. Dobrado em sua poltrona, o paralítico ouvia com sofreguidão, e seu chapéu tirolês balançava ao ritmo de nossas canções. Durante todos aqueles dias o velho viveu entregue a uma turva esperança, confusa e súbita, e para que nada anuviasse sua felicidade ele se esforçava por não notar qualquer exagero na simplicidade faceira e sanguinária com a qual nós decidíamos então todos os problemas do mundo.

Depois da vitória sobre os poloneses – essa fora a decisão do conselho de família –, os Tomílin mudariam para Moscou: o velho seria curado por um famoso professor, Elisavieta Aleksiéievna entraria em algum curso da universidade e Micha iria para aquela mesma escola no lago do Patriarca onde a mãe dele havia estudado. O futuro surgia à nossa consciência como felicidade impossível de não se realizar, a guerra, como uma impetuosa preparação para a felicidade, e a própria felicidade, o traço principal de nosso caráter. Apenas os detalhes ainda não tinham sido resolvidos, e para estudá-los passávamos noites em claro, noites poderosas em que o toco da vela refletia-se na turva garrafa de aguardente caseira. Elisavieta Aleksiéievna, radiante, era nossa ouvinte silen-

ciosa. Eu jamais havia encontrado uma criatura mais impetuosa, livre e arisca. Às vezes, à tarde, o ardiloso Surovtsev nos conduzia num caleche velho, de vime, requisitado ainda em Kuban, para a colina onde a residência abandonada dos príncipes Gonsiorowski brilhava no fogo do crepúsculo. Magros, mas altos e de raça, os cavalos corriam amigáveis com seus arreios vermelhos; um brinco balançava preguiçoso na orelha de Surovtsev, e as torres redondas cresciam sobre um fosso coberto por uma toalha amarela de flores. Paredes em ruínas traçavam no céu uma longa curva, inchada de sangue rubi, um arbusto de roscira-brava escondia suas bagas, e um degrau azul, resto da escadaria por onde outrora subiram os reis da Polônia, tremeluzia entre os espinheiros. Uma vez, sentado nesse degrau, aproximei de mim a cabeça de Elisavieta Aleksiciévna e beijei-a. Ela se afastou devagarinho, levantou-se e, apoiando as duas mãos, encostou-se na parede. Ficou imóvel e um raio poeirento de sol brincou em sua cabeça, ofuscando-a, depois estremeceu e pareceu ouvir alguma coisa. Tomilina ergueu a cabeça; seus dedos se desprenderam do muro e, tropeçando e acelerando os passos, ela correu para baixo. Chamei-a, mas não obtive resposta. Lá embaixo, estendido no caleche de vime, dormia o corado Surovtsev. À noite, quando todos dormiam, fui de mansinho ao quarto de Elisavieta Aleksiciévna. Ela estava lendo, com uma mão segurando o livro afastado dos olhos e a outra sobre a mesa, parecia inanimada. Ao ouvir o ruído, ela se voltou e levantou-se.

– Não – disse ela, olhando para mim –, não, meu querido – e abraçando meu rosto com seus longos braços nus, beijou-me em silêncio, com um beijo cada vez mais intenso e desmedido. O som do telefone no quarto ao lado separou-nos um do outro. Era o ajudante do Estado-Maior.

– Vamos partir – disse ele do outro lado da linha. – A ordem é apresentar-se ao comando da brigada...

Precipitei-me sem chapéu, juntando os papéis na correria. Traziam os cavalos das cocheiras no escuro, aos berros, e os cavaleiros corriam à rédea solta. No comando da brigada, enquanto amarrávamos o capote, ficamos sabendo que os poloneses haviam rompido nossas linhas próximo a Liúblin, e que devíamos realizar uma operação para cercá-los. Ambos os regimentos partiriam dentro de uma hora. O velho acordara e me observara inquieto através da folhagem dos limoeiros.

– Diga que voltará – repetia ele, sacudindo a cabeça.

Vestindo uma jaqueta de pele por cima da camisola de batista, Elisavieta Aleksiéievna saiu para nos acompanhar até a rua. Nas trevas, um esquadrão invisível galopava desenfreado. Na extremidade do campo, olhei para trás – inclinando-se, Tomílina ajeitava o casaco do filho, de pé à sua frente, e a luz incerta da lâmpada que queimava no rebordo da janela escorria por sua nuca magra e delicada...

Depois de uma marcha sem descanso, de cem quilômetros, juntamo-nos à 14ª Divisão de Cavalaria e, terminada a pausa, começamos a retirada. Dormíamos nas selas. Nas paradas, mortos de sono, caíamos ao chão e os cavalos, puxando as bridas, nos arrastavam dormindo pelo campo ceifado. Estávamos no começo do outono, e as chuvas da Galícia caíam silenciosas sobre nós. Encostados uns aos outros como um único corpo mudo e desgrenhado, nós errávamos e descrevíamos círculos, mergulhando e saindo do bolsão mantido pelos poloneses. Tínhamos perdido a noção do tempo. Quando nos preparamos para passar a noite na igreja de Tochtchenko, nem sequer me ocorreu que estávamos a dez léguas de Budiátitchi. Foi Surovtsev quem lembrou disso, e nos entreolhamos.

– O principal é que, se os cavalos não estivessem esgotados – disse ele, alegre –, poderíamos ir até lá...

– Não dá – respondi. – Dariam por nossa falta à noite...

Mesmo assim, nós fomos. Nas nossas selas estavam pendurados alguns presentes – um pão doce, uma peliça avermelhada e um cabritinho de duas semanas, vivo. O caminho ia por um bosque de árvores gotejantes que balançavam, uma estrela de aço vagueava no alto dos carvalhos. Em menos de uma hora alcançamos o povoado, seu centro incendiado, atulhado de caminhões brancos de farinha, carretas de metralhadoras e lemes de carros quebrados. Sem desmontar, bati na janela conhecida – uma nuvem branca percorreu o quarto. Naquela mesma camisola de batista com a renda gasta, Tomílina correu para o terraço de entrada. Tomou minha mão em sua mão quente e levou-me para dentro de casa. Na sala grande, roupas brancas de homem secavam nos limociros destrocados, desconhecidos dormiam em camas de campanha, enfileiradas uma atrás da outra, como num hospital. Mostrando os pés sujos, as bocas enrijecidas num esgar, emitiam sons roucos no sono e respiravam ruidosos, com sofreguidão. A casa fora ocupada por nossa Comissão de Despojos, e os Tomílin, relegados a um único quarto.

– Quando você vai nos tirar daqui? – perguntou Elisavieta Aleksíievna, apertando meu braço.

O velho acordou e sacudiu a cabeça. O pequeno Micha, apertando o cabritinho ao peito, ria um riso feliz e silencioso. Surovovtsev, pairando sobre ele com toda sua estatura, tirava dos bolsos de suas calças cossacas esporas, moedas furadas, um apito preso a um cordão amarelo. Nessa casa, ocupada pela Comissão de Despojos, não havia lugar para nós. Saímos, Elisavieta e eu, para a construção de tábuas dos fundos, onde no inverno se guardavam batatas e os gradeados das abelhas. Lá atrás, no depósito, dei-me

conta do caminho perigoso e sem volta que havíamos percorrido desde o beijo no castelo dos príncipes Gonsiorowski...

Pouco antes do amanhecer, Surovtsev bateu à porta.

– Quando você nos levará? – perguntou Elisavieta Aleksiéievna, olhando para o lado.

Sem nada dizer, dirigi-me à casa para despedir-me do velho.

– O principal é que não há tempo – disse Surovtsev, barrando-me o caminho. – Vamos, monta...

Puxou-me para a rua e trouxe meu cavalo. Tomilina estendeu-me a mão, gelada, de súbito. Como sempre, mantinha alta a cabeça. Os cavalos, que haviam descansado durante a noite, nos levaram trotando. Da negra trama do carvalho surgiu um sol ardente. O júbilo da manhã encheu o meu ser.

Abriu-se uma clareira na mata, soltei o cavalo e, virando a cabeça, gritei para Surovtsev:

– Podíamos ter ficado mais um pouco... Você nos chamou muito cedo...

– Não foi cedo – respondeu ele, alisando e apartando com a mão os galhos molhados, cintilantes –, se não fosse pelo velho, eu podia ter chegado até antes... Mas ele começou a falar sem parar, a ficar nervoso, a soltar grasnidos, até que caiu de lado... Eu corri até lá, olhei, pois ele estava morto, morto para valer...

Já estávamos fora do bosque. Entramos num campo arado, sem trilhas. Surovtsev endireitou-se, olhou para os lados, assobiou, farejou procurando a direção certa e, aspirando-a com o ar, curvou-se sobre a sela e partiu a galope.

Chegamos a tempo. Os homens do esquadrão estavam se levantando. O tempo prometia ser quente, o sol já aquecia. Nessa manhã, nossa brigada atravessou a antiga fronteira do Reino da Polônia.